

UNIFICAÇÃO

Secretário:
PROF. APOLO OLIVA FILHO
Direção:
DEPARTAMENTO DE PUBLICIDADE

Órgão da
UNIAO DAS SOCIEDADES ESPIRITAS DO ESTADO DE S. PAULO
«U. S. E.»

Conselho de Redação:
PAULO ALVES DE GODOY
PROF. EMILIO MANSO VIEIRA
DR. LUIZ MONTEIRO DE BARROS

ANO XIV
Registrado no Departamento Nacional de Propriedade Industrial sob n.º 183.663, em 11-4-1956 e, de acordo com a Lei Federal n.º 2083, de 12-11-1953, combinada com o Dec. federal n.º 4857, de novembro de 1939, sob n.º 1.244, no Cartório do 1.º Ofício da Capital

SÃO PAULO — BRASIL
Novembro de 1966

Redação
Rua Maranhão, 404 - C. Postal 3.946
Telefone: 52-6273 - São Paulo - 3

N. 164

O Mediunismo e a Doutrina Espírita

José Simões de Mattos

O mediunismo existe desde que se conhece a história humana e se contém em todas as religiões.

A igreja primitiva está cheia de casos de mediunidade. O próprio Paulo de Tarso, mais tarde conhecido por São Paulo, foi um mestre nas instruções e prática dos dons mediúnicos. Isto pode se verificar na sua primeira epístola aos coríntios, bem conhecida de todas as religiões. Ali é mencionado todas as mediunidades, como entendê-las e praticá-las à luz do Evangelho. Na obra ATOS DOS APÓSTOLOS, complementar do Evangelho, encontram-se muitos destes registros e instruções.

Já antes do Cristo, os essênios, que se intitulavam terapeutas, ou médiuns curadores, praticavam estes dotes espirituais. Mas, na realidade, estes conhecimentos, dons e práticas, só se tornaram doutrina depois que se publicou «O Livro dos Espíritos», codificado por Allan Kardec. Esta obra é a chave de todos os mistérios porque esclarece o que estava oculto não só das antigas escolas iniciáticas, como também dos ensinamentos de Jesus, depois complementada pelas demais obras do insigne codificador, ao alcance de quantos as queiram ler.

A Doutrina Espírita é o Consolador prometido por Jesus, conforme sua promessa aos discípulos, o qual, no seu dizer, viria esclarecer e complementar o que, naquele tempo, Ele não poderia dizer porque nos faltavam condições de poder entendê-lo, cuja prova se verifica no encontro do Mestre com o doutor da Lei em Israel, Nicodemus, que na ocasião em que foi consultado Jesus não entendeu a resposta e explicações que lhe foram dadas. Esta foi a razão por que o Mestre prometeu para mais tarde enviar o Espírito da Verdade, à luz da Doutrina Espírita, para nos esclarecer e libertar. O Espiritismo veio para nos ensinar o caminho de nossa felicidade, mesmo passando por provações; libertando-nos da morte, pondo em cada berço a aurora de um novo dia; e no túmulo, o raiar de uma nova aurora.

Pelo que já dissemos, psiquismo e mediunismo não são a Doutrina Espírita e sim dons da alma humana; fenômenos anímicos que o Espiritismo esclarece, em seu triplice aspecto, científico, filosófico e religioso. As pessoas simplesmente crenças, sem conhecimento da doutrina, confundem fenômenos com Espiritismo. O fenômeno pode dar-se até entre materialistas e

(Conclui na pág. 2)

1.º CICLO REGIONAL ESPÍRITA DE ESTUDOS SOCIAIS (SOROCABA)

Tendo em vista uma série de dificuldades surgidas para a realização deste certame, dificuldades estas inerentes a vários aspectos da sua execução, e considerando também que o seu adiamento não traz inconveniente algum, a Diretoria Executiva da U.S.E., por proposta da Comissão Diretora, que por sua vez manteve entendimentos com o 2.º Conselho Regional Espírita e a U.M.E. de Sorocaba, concorda no adiamento "sine die" do mesmo.

Esta deliberação foi tomada em reunião da Diretoria Executiva da U.S.E.-SP, em 26 de setembro de 1966.

OS GRANDES VULTOS DO ESPIRITISMO

Dr. Antônio Lobo Vilela

O Dr. Antônio Lobo Vilela encarnou em Vila Viçosa (Portugal), no dia 12 de fevereiro de 1902 e desencarnou no dia 25 de março de 1966, no mesmo país.

Cursou o Colégio Militar e a seguir matriculou-se na Universidade de Coimbra. Ainda como



estudante universitário era diretor da Federação Espírita Portuguesa, nos idos de 1927, quando também exercia o cargo de diretor efetivo da «Revista de Espiritismo», em cujas páginas deixou trabalhos de grande profundidade filosófica. Emérito conferencista, possuía notável poder de convicção e em todos os lugares onde falava deixava indelével a lembrança de sua passagem.

Chegou a abandonar o curso que fazia na Universidade de Coimbra para dedicar-se inteiramente ao Espiritismo, ao lado do Dr. Antônio J. Freire, um dos maiores valores da causa espírita em Portugal.

Quando os ventos da adversidade começaram a açoitá-lo a Federação Espírita Portuguesa (mais tarde fechada por ordem das autoridades lusitanas), o Dr. Lobo Vilela resolveu concluir o seu curso, aproveitando as cadeiras de matemática para formar-se engenheiro-geógrafo. Logo após passou ao magistério liceal e depois aos serviços de Agrimensura da Junta Autónoma das Obras de Hidráulica

Agrícola, onde se distinguiu sobremaneira.

Extraímos da revista «Estudos Psíquicos», os dados que se seguem, de autoria de Isidoro Duarte Santos, em torno da personalidade do Dr. Antônio Lobo Vilela:

«Apesar do seu futuro se apresentar brilhante e promissor, foi afastado dos lugares que ocupava mercê das suas idéias políticas, e dedicou-se ao trabalho penoso de escritor e tradutor, numa atividade literária digna de admiração e apreço.

Como pedagogo escreveu uma série de trabalhos, dando largas à sua tendência divulgadora, entre eles, «Infinitismo», «A crise da Universidade», «A Universidade Falou», «Ensino das Matemáticas», «A Didática das Matemáticas», «Métodos de Matemática», «Métodos Geométricos», «Ao Serviço da Democracia», «Questões Pedagógicas», «Reforma de Ensino» e os livros espíritas «Hipóteses Metapsíquicas», «Palingênese», «O Destino Humano», «O Problema da Sobrevivência» e «O Poder Mental», além de outras obras, como «Linha Geral», «Democracia», «Ciência e Poesia», «Do Sentido Cômico e Trágico da Vida», etc.

No campo editorial fundou com outros a Gleba e a Inquérito, para as quais traduziu romances, obras de economia e vários clássicos gregos e latinos.

Escrevia com elegância e impunha-se pela sinceridade, sobretudo devido à coerência das idéias que o tornavam um verdadeiro espartano. Talvez por isto, nem sempre foi compreendido pelos que o acompanhavam. Quando dirigimos com ele a Revista de Espiritismo pudemos avaliar as suas qualidades e os seus defeitos, entre nós se esta-

(Conclui na pág. 2)

Preço deste número
Cr\$ 100

CONSELHO DELIBERATIVO ESTADUAL

Em reunião de 11 de setembro de 1966, em Piracicaba, aprovou:
 1 — Trabalho da Comissão de Doutrina da USE a ser apresentado na reunião dos Presidentes das Sociedades Espíritas de Ambiente Estadual, a realizar-se nos dias 1 e 2 de outubro de 1966, na sede da FEB, na Guanabara, sobre o delineamento doutrinário dos Simpósios de Curitiba, Salvador, Belém e Goiânia;

2 — Proposta do 7.º CRE, Araraquara, no sentido de imprimir e distribuir aos órgãos da USE, sob as expensas destes, o trabalho da Comissão de Doutrina referido no item I, independente do que for deliberado na reunião dos Presidentes de 1 e 2 de outubro de 1966;

3 — O Plano Bienal de Trabalho da USE para a gestão 1966-1968;

4 — Que cada Conselho Regional Espírita dinamize, na sua Região, as recomendações do Simpósio Centro-Sulino (aspecto doutrinário), com o material coligido para esse fim e entregue na presente reunião;

5 — Que os Presidentes e Membros dos CREs incentivem e possibilitem condições para o funcionamento de Departamento de Mocidades nos CREs e facilitem a atuação destes núcleos junto ao Departamento de Mocidades da USE, formando um movimento realmente estadual;

6 — Que a próxima reunião do CDE, na Capital, dia 11 de dezembro de 1966, seja realizada na Liga Espírita do Estado de São Paulo, rua Brigadeiro Tobias, 238.

DR. ANTÔNIO LOBO VILELA

(Conclusão da 1.ª página)

beleando verdadeiros laços de camaradagem.

Quando se convencia de uma idéia, nada deste mundo o conseguia demover. Só cedia a argumentos como a sua mentalidade. Então, sim, retificava os conceitos que lhe pareciam verdadeiros e sentia prazer, dando a mão à palmatória...

Um grande homem, um grande pensador, este malogrado Antônio Vilela, como o tratávamos na intimidade! Pela atitude, quase austera, olhar fulgurante e profundo, denotando inteligência percuciente, fazia lembrar um varão de Plutarco.»

O MEDIUNISMO E A DOCTRINA ESPÍRITA

(Conclusão da 1.ª pág.)

por si mesmo não modifica internamente a criatura humana. Enfim, o fenômeno psíquico ou mediúnico não tem compromisso com qualquer religião. Porém, a Doutrina Espírita estudando-o extrai da lei moral que o rege as necessárias quanto oportunas elucidações, despertando os de boa vontade para a compreensão de seus grandiosos ensinamentos, porque o Espiritismo é a religião de consciência que serve para religar a criatura com o seu criador.

Os adeptos desta Doutrina se caracterizam pela preocupação constante de se tornarem fiéis cristãos; conhecedores que são da lei de causa e efeito se preocupam em semear o bem em todas as circunstâncias de sua vida, porque sabem que hão de colher de acordo com a sementeira.

(De "A Reencarnação").

UNIÃO DAS SOCIEDADES ESPÍRITAS DO ESTADO DE SÃO PAULO

Balancete em 30 de setembro de 1966

ATIVO

Bancos	1.117.516
Contas Correntes	350.490
Despesas Diversas	211.530
Jornal «Unificação»	1.849.450
Órgãos da USE	2.105.300
Móveis e Utensílios	17.328
Valores Diversos	8.093
Soma do ATIVO	Cr\$ 5.659.707

PASSIVO

Contas Correntes	18.560
Fornecedores	783.084
Fundo de Evangelização da Criança	51.002
Jornal «Unificação»	2.023.950
Órgãos da USE	6.700
Patrimônio	1.576.906
Receitas Diversas	117.860
Sede FEB — Brasília	1.081.645
Soma do PASSIVO	Cr\$ 5.659.707

São Paulo, 30 de setembro de 1966.

CARLOS DIAS — CRC. 10.847

Departamento de Mocidade da U.S.E.

Confraternização de Mocidades e Juventude Espírita do Est. de S. Paulo - «I COMJESP»

Nos dias 23 e 24 de julho deste ano, realizou-se, em Dracena, a 1ª Reunião dos Representantes de Mocidades Junto ao Conselho Diretor da 1.ª COMJESP.

Representando o D. M. da USE, lá esteve o jovem Lindolfo Fernandes Neto.

Dia 23 — Das 8 às 18 horas, recepção dos caravaneiros na sede do Centro Espírita "Luz e Verdade", à rua Euclides da Cunha, 272, os quais, à noite, foram recebidos pelos confrades em suas casas. Às 20,10 horas, reunião no Xadrez Tênis Clube; com a palavra a srta. Marlene Menezes que saudou os presentes e formou a mesa dos trabalhos que contou com a presença do sr. Prefeito de Dracena, sr. dr. Eurípedes de Castro, orador da noite, e demais representantes de entidades espíritas.

Inicialmente poesias "Marchemos", de Castro Alves, e "Caridade", pela srta. Nílce Bárbara e srta. Clara Mazarim. Prece de abertura por Lindolfo Fernandes Neto. O sr. Apolo Oliva Filho, da USE, falou sobre a COMJESP e movimento de Unificação dos Espíritas, com oportunos esclarecimentos. O sr. José Antônio Luiz Balestro, presidente do Conselho Diretor da COMJESP, sobre o movimento da Prêvia, de suas realizações e a alegria com que os jovens espíritas

em geral de Dracena receberam os participantes da reunião e apresentou o orador sr. dr. Eurípedes de Castro que, de início, saudou o sr. Prefeito Municipal e a todos os presentes. A seguir, desenvolveu o tema "O Moço Espírita e o Mundo de Hoje", de eficientes esclarecimentos para os jovens. Dada a palavra livre e não havendo manifestação, a srta. Marlene Menezes lembrou a programação do dia seguinte e agradeceu a todos que contribuíram para o êxito do Centro Espírita "Cairbar Schutel" e da UME de Dracena.

Dia 24, às 8,30 horas, reunião do Conselho Diretor com os representantes das Mocidades e os assessores das Concentrações do Noroeste e Nordeste para assuntos gerais. Prece de abertura pelo sr. dr. Orlando Ayrton José de Toledo.

A seguir distribuída Agenda, desenvolvendo-se os trabalhos assim:

1 — O Regulamento da COMJESP; 2 — Objetivos da Confraternização e programa a ser desenvolvido; 3 — Relatório das atividades desenvolvidas pelo Conselho Diretor; 4 — Os planos do CD para a confraternização; 5 — As três grandes prévias dos dias de carnaval; 6 — O trabalho a ser desenvolvido pelos representantes; 7 — O trabalho a ser desenvolvido pelos assessores; 8 — Os torneios e concursos da 1.ª COMJESP.

Os temas para as mesas redondas da 1.ª COMJESP, foram:

1 — Estudos — cursos de preparação de orientadores de Mocidades e Programas de Estudos para as Mocidades. 2 — Assistência Social — visão dos problemas sociais à luz da Doutrina Espírita e novos rumos à assistência social à luz da Doutrina Espírita. 3 — Evangelização das Crianças — cursos, ciclos e encontros sobre evangelização de crianças e contribuição da Pedagogia e Psicologia na Evangelização. 4 — Atividades Artísticas e Culturais — o problema artístico nas tertúlias litero-musical e arte e Doutrina Espírita.

Foi distribuído o Temário Básico para cursos e torneios e trabalhos escritos da 1.ª Confraternização, assim constituído:

1 — A Reencarnação. 2 — Comunicabilidade dos Espíritos. 3 — Pluralidade dos mundos habitados. 4 — Consequências Morais da Aceitação do Espiritismo — necessidade de estudo. 5 — Pureza Doutrinária. 6 — Atualidade Doutrinária.

Houve troca de idéias e exposições interessantes sobre os assuntos expostos, benéficos para todos. Escolhida Botucatu para a sede da 2.ª reunião, em novembro, 12 e 13 próximos. Exposto o plano bienal do Departamento de Mocidades da USE, Presentes 42 Mocidades e Entidades Espíritas, num total de 50 pessoas.

Agradecemos aos gentis espíritas dracencenses a maneira fidalga com que nos receberam, cedendo as suas residências como verdadeiros irmãos que todos somos. E que Jesus os ampare sempre.

Núcleo Espírita Nova Era São Paulo

Foi eleita e empossada a nova diretoria do Núcleo Espírita Nova Era, ficando composta da seguinte forma: Presidente — Natalino D'Oliveira; Vice-Presidente — Gastão Antônio da Cunha; 1.º Secretário — Edson Maria de Oliveira; 2.º Secretário — Antônio Tonin; 1.º Tesoureiro — Paulo Rezende; 2.º Tesoureiro — Sinomar Antônio da Cunha e Bibliotecária — Vilma de Oliveira.

JORNAL "UNIFICAÇÃO"

O Balancete de 30 de setembro de 1966 indica no ATIVO as importâncias correspondentes à remessa do jornal «Unificação», pendentes de pagamento pelos seguintes órgãos:

Conselho Metropolitano Espírita	855.000
UME-Amparo	7.600
UME-Araraquara	20.000
UME-Araras	13.500
UME-Barretos	13.500
UME-Bauru	42.700
UME-Bebedouro	15.000
UME-Cachoeira Paulista	20.250
UME-Campinas	45.000
UME-Fernandópolis	11.250
UME-Franca	8.500
UME-Ibitinga	3.000
UME-Jaboticabal	7.000
UME-Jacaré	14.800
UME-Jaú	51.000
UME-Jundiá	9.000
UME-Lorena	7.000
UME-Marília	63.000
UME-Piracicaba	10.000
UME-Pirajui	7.200
UME-Pres. Epitácio	40.500
UME-Pres. Prudente	35.000
UME-Rancharia	16.500
UME-Ribeirão Preto	5.000
UME-Rio Claro	45.000
UME-Santo André	75.000
UME-Santos	345.500
UME-São Bernardo do Campo	75.000
UME-São João da Boa Vista	21.000
UME-São José dos Campos	68.000
UME-São José do Rio Preto	20.200
UME-São Roque	16.050
UME-Sorocaba	16.000
UME-Suzano	76.750
UME-Taubaté	25.500
Total	Cr\$ 2.105.300

Concentração dos Presidentes das Entidades Federativas de Âmbito Estadual

EM 1 E 2 DE OUTUBRO DE 1966

Conceituação dos termos "Espiritismo" e "Espírita"

Pontos de vista doutrinários expostos nos quatro Simpósios:

Centro Sulino, Salvador, Belém e Goiânia

Exmo. Sr. Dr.
WANTUIL DE FREITAS,
dd. Presidente da Federação Espírita Brasileira e de seu Conselho Federativo Nacional.
Rio de Janeiro — GB.

Prezados Companheiros:

PAZ E ALEGRIA COM JESUS.

A União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo (USE), por intermédio de seus órgãos competentes, estudou com o máximo carinho e o mais acendrado cuidado, o parecer apresentado pela comissão de Doutrina do CFN sobre as sugestões dos quatro simpósios realizados no Brasil, sugestões essas também referentes ao tema «Doutrina».

Desejamos, em primeiro lugar, agradecer sinceramente aos prezados confrades que compuseram a referida comissão a delicadeza com que se referiram ao esforço dos componentes das comissões de Doutrina dos quatro simpósios, bem como o carinho com que estudaram as várias proposições e o cuidado que tomaram para exarar seu parecer, procurando sempre alieçar o mesmo nas afirmações de Allan Kardec, terminando por sugerirem uma conceituação especial dos termos «Espiritismo» e «Espírita», diferente da geralmente aceita.

Acontece, porém, que também as sugestões apresentadas pelos Simpósios estavam alieçadas em Allan Kardec pois todos os trabalhos primavam por girar sempre em torno de moral de Jesus e da Codificação kardequiana.

Estudando acurada e serenamente o conflito doutrinário havido entre os pontos de vista das comissões de Doutrina dos Simpósios e a comissão de Doutrina do CFN, a USE, de São Paulo, houve por bem discordar desta última, permanecendo com aquelas.

E' verdade que o C.F.N. estudou, discutiu e votou o assunto. Contudo, a maneira por que foi apresentado o problema em «O Reformador» de maio p. p., deixou dúvidas em vários sentidos, e não somente uma voz autorizada, porém muitas, no Estado de São Paulo e nos órgãos da USE, não se satisfizeram, com justa razão, com o que ficou alinhavado. Tratando-se de problema reputado por toda a USE como gravíssimo, e tendo em vista que, acima do ponto de vista do CFN e de sua comissão de Doutrina resta ainda o parecer da FEB, exarado quando opinou no mesmo sentido da comissão de Doutrina, sobre o simpósio centro-sulino; considerando, de outro lado, que cabe a esse Conselho de presidentes aqui reunido, funcionando como um verdadeiro quinto simpósio, dar o parecer final, em nome do CFN da FEB em relação às sugestões dos referidos simpósios, a USE julga de imprescindível necessidade aprofundar ao máximo o estudo da conceituação dos termos «Espiritismo» e «Espírita», para que não haja dúvida sobre o que realmente significam, e para que não se lance a confusão, nesse sentido, suscitada, no meio espírita brasileiro. Para tanto houve por bem compor um trabalho pormenorizado, abrangendo todos os aspectos fundamentais dos problemas sus-

citados com o considerar-se «Espiritismo» apenas crença na existência e na comunicabilidade dos Espíritos, reservando-se a expressão «Doutrina Espírita» para a doutrina surgida com ponto de partida nas comunicações dos Espíritos.

Como o referido trabalho está repleto de citações de Allan Kardec, colocadas entre aspas e seguidas, muitas vezes, de comentários oportunos do expositor, colocados entre parênteses, havendo ainda algumas expressões sido transcritas em caracteres mais evidenciados para despertar mais a atenção, pede vênua para passar às mãos do dd. presidente desta reunião, e dos prezados presidentes de entidades estaduais unificadoras, uma cópia do mesmo, para que todos acompanhem a sua leitura, que será feita em nome da USE, de São Paulo.

São as seguintes as principais razões que levaram a USE a confirmar os pontos de vista doutrinários expostos nos quatro simpósios, contra o ponto de vista exarado, posteriormente ao simpósio centro-sulino, pela FEB e pela comissão de Doutrina do CFN:

1.º) Em assuntos complexos e graves, não basta fazer citações esparsas e, em geral, incompletas, do Codificador; necessário se faz a análise aprofundada de toda a Codificação, acompanhando a evolução do movimento espírita por ela iniciada, bem como as idéias do próprio Codificador que, com zelo ímpar, era a pessoa mais autorizada a emitir opinião criteriosa sobre qualquer assunto referente à Doutrina que, por seu intermédio, estava sendo codificada. Análisesmos então, nessa base, a tese fundamental da comissão de Doutrina do CFN, a qual não considera como sinônimas as expressões «Espiritismo» e «Doutrina Espírita», concluindo que «fenômeno mediúntico, com ou sem Doutrina, é Espiritismo.»

Para nós, Espiritismo não é fenômeno mediúntico e nem aenas convicção na sobrevivência do Espírito e na sua comunicabilidade conosco depois da morte. Espiritismo é a Doutrina espiritualista sintetizada em «O Livro dos Espíritos». O termo «Espiritismo» nasceu para o mundo no dia 18 de abril de 1857. Tiramos essa convicção do estudo da Codificação. Nesse sentido, eis aqui longa série de afirmações, claras e positivas, do Codificador:

Em «O Livro dos Espíritos»:
«Que ninguém portanto se iluda; o Espiritismo é imenso; liga-se a todas as questões da metafísica e da ordem social; é todo um mundo que se abre ante nós. Será de espantar que ele exija tempo, e muito tempo, para a sua realização? (Introdução ao estudo da Doutrina espírita).
«Para as coisas novas necessitamos de palavras novas, pois assim o exige a clareza de linguagem, a fim de evitar-se a confusão inerente aos múltiplos sentidos dos próprios vocábulos.» (Idem).

«Diremos, portanto, que a doutrina «espírita» ou o «espiritismo» tem por princípios as relações do mundo material com os Espíritos ou seres do mundo invisível. Os adeptos do espiritismo serão «os espíritas», ou, se o quiserem, «os espiritistas.» (Idem).

«Seria fazer uma idéia bem baixa do Espiritismo acreditar que ele tira a sua força da prática das manifestações materiais, e que, portanto, entravando-se essas manifestações, pode-se minar-lhes as bases. Sua força está na sua filosofia, no apelo que faz à razão e ao bom senso.» (Conclusão, VI).

«O Espiritismo se apresenta sob três aspectos diferentes: o das manifestações, o dos princípios de filosofia e moral que delas decorrem e o da aplicação desses princípios.» (Idem, VII) (Vê-se que está bem claro: Espiritismo é tudo: manifestações mediúnicas com os princípios de filosofia e moral e mais a aplicação dos mesmos).

«Os Espíritos, dizem algumas pessoas, nos ensinam uma nova moral, qualquer coisa de superior ao que o Cristo ensinou? Se essa moral não é outra senão a do Evangelho, que vem fazer o Espiritismo?... «Não, o Espiritismo não encerra uma moral diferente daquela de Jesus.» (Idem, VIII) (Vê-se, mais uma vez, que o Espiritismo não é sinônimo de mediunismo, e sim doutrina cuja moral é idêntica à de Jesus).

Em «O Livro dos Médiuns»:

«Porém, até onde vai a crença do Espiritismo, perguntarão? Lêde, observai e sabê-lo-eis. Só com o tempo e o estudo se adquire o conhecimento de qualquer ciência. Ora, o Espiritismo, que entende com as mais graves questões de filosofia, com todos os ramos da ordem social, que abrange tanto o homem físico quanto o homem moral, é, em si mesmo, uma ciência, uma filosofia que já não podem ser aprendidas em algumas horas, como nenhuma outra ciência. Tanta puerilidade haveria em se querer ver todo o Espiritismo numa mesa girante, como toda a física nalguns brinquedos de crianças.» (Cap. II) (Não se deve, pois, segundo Kardec, confundir Espiritismo com sessão mediúntica, com o fenômeno da comunicabilidade dos mortos). «Dissemos que o Espiritismo é toda uma ciência, toda uma filosofia. Quem, pois, seriamente queira conhecê-lo deve, como primeira condição, dispor-se a um estudo sério e persuadir-se de que ele não pode, como nenhuma outra ciência, ser aprendido a brincar. O Espiritismo, também já o dissemos, entende com todas as questões que interessam à humanidade, tem imenso campo e o que principalmente convém é encará-lo pelas suas conseqüências. Forma-lhe, sem dúvida, a base a crença nos Espíritos, mas essa crença não basta para fazer de alguém uma espírita esclarecido, como a crença em Deus não basta para fazer de quem quer que seja, um teólogo. Vejamos então de que maneira será melhor se ministre o ensino da Doutrina Espírita, para levar com mais segurança à convicção.» (Cap. III) (Vê-se que, segundo Kardec, para se esclarecer alguém sobre Espiritismo, não basta o fenômeno mediúntico; é preciso o estudo da Doutrina; a expressão «Espiritismo abarca, portanto, a expressão «Doutrina Espírita»; não se pode, pois, nem se deve, separar uma expressão da outra.)

«Entre os que se convenceram por um estudo direto, podem destacar-se: 1.º) Os que creem pura e simplesmente nas manifestações. Para eles, o Espiritismo é apenas uma ciência de observação, uma série de fatos mais ou menos curiosos. Chamá-lo-emos «espíritas experimentadores.» (Cap. III, 28) (Se Kardec diz: Para eles o Espiritismo é ape-

nas uma ciência de observação», torna-se evidente que o Espiritismo não é apenas uma ciência de observação, sendo, pois, muito mais que isso, contrariando o ponto de vista da colenda comissão de Doutrina do CFN.) «Que é o Espiritismo?». Esta brochura, de uma centena de páginas somente, contém sumária exposição dos princípios da Doutrina Espírita, um apanhado geral desta, permitindo ao leitor apreender-lhe o conjunto, dentro de um quadro restrito.» (Cap. III, 35) (Se, para explicar o que é o Espiritismo, Kardec expõe os princípios da Doutrina Espírita, é que Espiritismo e Doutrina Espírita são a mesma coisa.)

Em «O Espiritismo em sua mais simples expressão»:

«As instruções dadas pelos Espíritos de uma ordem elevada, sobre todos os assuntos que interessam à humanidade, as respostas que eles deram às questões que lhes foram propostas, tendo sido recolhidas e coordenadas com desvelo, constituem uma ciência, toda uma doutrina moral e filosófica sob o nome de Espiritismo. O «Espiritismo» é, pois, a doutrina fundada sobre a existência, as manifestações e os ensinamentos dos Espíritos. Esta doutrina se encontra exposta de uma maneira completa no «O Livro dos Espíritos», para a parte filosófica; em o «Livro dos Médiuns», para a parte prática e experimental; e em «O Evangelho Segundo o Espiritismo», para sua parte moral. Pode-se julgar, pela análise que nós daremos logo adiante dessas obras, da variedade, da extensão e da importância das matérias que ele abarca. Como já vimos, o Espiritismo teve seu ponto de partida no fenômeno vulgar das mesas girantes.» (Mais claro não é possível.) O Espiritismo é, pois, no dizer de Allan Kardec, «a doutrina fundada sobre a existência, as manifestações e os ensinamentos dos Espíritos, estando exposta, de maneira completa em «O Livro dos Espíritos», «O Livro dos Médiuns» e «O Evangelho Segundo o Espiritismo», respectivamente em sua parte filosófica, experimental e moral. O Codificador não afirmou que esse conjunto é a Doutrina Espírita e sim, o Espiritismo. Para ele, o Espiritismo é essa Doutrina contida nesses três livros da Codificação.»

Ainda nesse livro, encontramos as seguintes expressões de Kardec: «A finalidade essencial do «Espiritismo é a melhoria dos homens. E' preciso não procurar nele senão o que pode ajudar o progresso moral e intelectual. (II n'v faut chercher que se on peut aider au progrès moral et intellectuel). O verdadeiro espírito não é o que crê nas manifestações, mas o que «met à profit» (aplica em seu proveito) o ensino dado pelos Espíritos...» «A crença no Espiritismo não é aproveitada senão por aquele de quem se pode dizer: ele hoje é melhor do que ontem.»

Em «O que é o Espiritismo»:
«No terceiro capítulo publicamos um resumo d'«O Livro dos Espíritos», com a solução pela Doutrina Espírita, de certo número de problemas do mais alto interesse de ordem psicológica, moral e filosófica que diariamente são propostos, e aos quais nenhuma filosofia deu ainda resposta satisfatória. Procurem resolvê-los por qualquer outra teoria, sem a chave que nos fornece o Espiritismo; comparem suas respostas com as dadas por este, e digam quais são as mais lógicas, quais as que melhor satisfazem à razão! (Preâmbulo) (O Espiritismo é, pois, a dou-

trina, a filosofia que resolve, como nenhuma outra, esses problemas.)

«Para responder, desde já e sumariamente, à pergunta formulada no título deste opúsculo («O que é o Espiritismo»), diremos que: O Espiritismo é, ao mesmo tempo uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. Como ciência prática, ele consiste nas relações que se estabelecem entre nós e os espíritos; como filosofia, compreende todas as consequências morais que dimanam dessas mesmas relações. Podemos defini-lo assim: O Espiritismo é uma ciência que trata da natureza, origem e destino dos Espíritos, bem como de suas relações com o mundo corporal.» (Ainda mais uma vez se vê Kardec reafirmando que o Espiritismo é uma ciência e uma filosofia que trata dos assuntos atinentes ao espírito; longe dele, pois, a idéia de empregar o termo «Espirítismo» apenas na acepção de crença na existência e na comunicabilidade dos Espíritos.)

«O Espiritismo é uma ciência que acaba de nascer e da qual resta ainda muito a aprender; seria, pois, grande presunção de minha parte pretender levar de vencida todas as dificuldades; não poderia dizer mais do que sei. O Espiritismo prende-se a todos os ramos da filosofia, da metafísica, da psicologia e da moral; é um campo imenso que não pode ser percorrido em algumas horas.» (Segundo diálogo. O cético) (Ainda uma vez Kardec usando o termo «Espirítismo», e não «Doutrina Espírita», contrariando o ponto de vista dos caros companheiros componentes da comissão de doutrina do CFN.)

«Há duas coisas ao Espiritismo: a parte experimental das manifestações e a doutrina filosófica.» (Idem) (Aí está: o Espiritismo não é só a parte experimental; para ser Espiritismo há a necessidade de, a essa parte experimental, juntar-se a doutrina filosófica. Quando Kardec, nas páginas de seus livros faz alusão direta ao aspecto experimental, usa expressões a ele relacionadas, se essas expressões forem tomadas isoladamente, então darão a impressão, profundamente falsa, de que o Codificador aplicava o termo «Espirítismo» apenas ao fenômeno mediúnico. Esse, a nosso ver, o engano da comissão de doutrina do CFN.)

«Há, entre o Espiritismo e outros sistemas filosóficos, esta diferença capital: Que estes são, todos, obra de homens, mais ou menos esclarecidos, ao passo que, naquele que me atribuis, eu não tenho o mérito da invenção de um só princípio.» (Idem) (O Espiritismo é, pois, um sistema filosófico e não apenas uma crença em Espíritos ou um fato mediúnico.)

Em «O Evangelho segundo o Espiritismo»:

«Essas citações provarão, por outro lado que, se Sócrates e Platão presentiram o ideal cristão, em sua doutrina se deparam os princípios fundamentais do Espiritismo.» (Introdução)

«A lei do Antigo Testamento está personificada em Moisés; a do Novo Testamento, no Cristo. O Espiritismo é a Terceira Revelação da lei de Deus.» (Cap. 1º: O Espiritismo.)

«Assim como o Cristo dissera que não vinha destruir a lei, mas dar-lhe cumprimento, o espiritismo também não veio destruir a lei cristã, mas cumpri-la. Nada ensina em contrário ao que o Cristo ensinara e desenvolve, completa e explica, em termos claros para toda a gente, o que fora dito por forma alegórica.» (Idem) (Platão, Sócrates e o Cristo ensinaram doutrinas de natureza científica, filosófica e moral, e é no mesmo rol que o Codificador situa

o Espiritismo, não apenas como «fenômeno mediúnico».)

Em «A Gênese»:

«O Espiritismo, partindo das próprias palavras do Cristo, como este partiu das de Moisés, é consequência direta desta doutrina.» (Cap. 1.º) (Espirítismo é, pois, doutrina, não fenômeno.)

«Não é o espiritismo que cria a renovação social, mas a madureza da humanidade que faz desta renovação uma necessidade. Por sua potência moralizadora, por suas tendências progressistas, pela amplitude das suas vistas, pela generalidade das questões que abrange, o espiritismo está, mais que qualquer outra doutrina, apto para secundar o movimento regenerador, por isso que é seu contemporâneo.» (Idem) (Veja-se como é diferente a concepção de Espiritismo em Kardec, para quem «mediunismo» jamais foi sinônimo de «Espirítismo».)

Em «Obras Póstumas»:

«Espirítismo é uma doutrina filosófica de efeitos religiosos, como qualquer filosofia espiritualista, pelo que forçosamente vai ter às bases fundamentais de todas as religiões: Deus, a alma e a vida futura. Mas não é uma religião constituída, visto que não tem culto, nem rito, nem templos e que, entre seus adeptos, nenhum tomou, nem recebeu o título de sacerdote ou de sumo sacerdote. Estes qualificativos são de pura invenção humana. É-se espírito pelo só fato de simpatizar com os princípios da doutrina e por conformar com esses princípios e proceder.» (Ligeira resposta aos detratores do Espiritismo). (Como se vê, está bem claro: Espiritismo é doutrina e espírito é o que, afelcoando-se aos seus princípios, procura ajustar o seu viver com eles, e é doutrina de consequências religiosas, mas não religião constituída, porque não tem culto, ritos, templos e hierarquia sacerdotal, não podendo, pois, ele, o Espiritismo, confundir-se com a Umbanda.)

«Forte como filosofia, o Espiritismo só teria a perder, neste século de raciocínio, se se transformasse em poder temporal. Não será ele, portanto, que fará as instituições do mundo regenerado; os homens que as farão, sob o império das idéias de justiça, de caridade, de fraternidade e de solidariedade, mais bem compreendidas, graças ao Espiritismo...» ... depois, digam o que disserem ou façam o que fizerem, ninguém seria capaz de privar a doutrina do seu caráter distintivo, da sua filosofia racional e lógica, da sua moral consoladora e regeneradora. Hoje estão lançadas, de forma inabalável, as bases do Espiritismo.»

«Assim, desde o começo, o Espiritismo lançou raízes por toda parte. A História nenhum exemplo oferece de uma doutrina filosófica ou religiosa que, em dez anos, tenha conquistado tão grande número de adeptos.»

«O primeiro período do Espiritismo foi consagrado ao estudo dos princípios e das leis que, em seu conjunto, tinham de constituir a Doutrina.» (Allan Kardec e a nova constituição) (O Espiritismo, como doutrina muito ampla, não poderia ter um único período de elaboração; esta foi progressiva; completo «O Livro dos Espíritos», surgiu o termo «Espirítismo», ou «Doutrina Espírita». Vê-se, pois, que o termo «Espirítismo» abarca todos os períodos, todo o conjunto da obra revelada, e não apenas o aspecto do fenômeno mediúnico). «A Doutrina Espírita é, assim, o mais poderoso elemento de moralização, por se dirigir simultaneamente ao coração, à inteligência e ao interesse pessoal bem compreendido. Por sua mesma essência, o Espiritismo participa de todos os ramos dos conhecimentos físicos, meta-

físicos e morais.» (Idem. Credo espírita). (Para terminar essa série quase inacabável de citações do Codificador, vemos, ainda uma vez, que ele usa indistintamente, como sinônimas, as expressões ou os termos «Espirítismo» e «Doutrina Espírita».)

A vista de tudo o que foi transcrito da Codificação, não pode restar dúvida alguma de que, para Kardec, o termo «Espirítismo» jamais indicou apenas o fenômeno da comunicabilidade dos Espíritos ou a crença na existência deles.

Tendo o seu ponto de partida no fenômeno vulgar das mesas girantes, «O Espiritismo é a doutrina fundada sobre a existência, as manifestações e os ensinamentos dos Espíritos», estando exposta, de maneira completa, no «Livro dos Espíritos» para a parte filosófica, no «Livro dos Médiuns» para a parte prática e experimental, e no «Evangelho Segundo o Espiritismo» para a sua parte moral.» Diante de tão positivas e claras afirmações de Kardec, não nos é lícito, sem ferir frontalmente a concepção que o Codificador nos deixou do Espiritismo, afirmar que «fenômeno mediúnico, com ou sem Doutrina, é Espiritismo», como o fez a colenda comissão de doutrina do CFN. Eis por que a USE prefere, como é natural, ficar com Allan Kardec, em torno de cuja codificação foram realizados, do ponto de vista doutrinário, os quatro simpósios, sem contudo, deixar de agradecer a sugestão da referida comissão, cujo ponto de vista respeitamos, sem acatá-lo. Ficamos com os simpósios quando afirmam que «fenômeno mediúnico, sem Doutrina Espírita, não é Espiritismo» e «que há necessidade de tornar patente que nem todo trabalho mediúnico é trabalho espírita.»

2.º) Nesta reunião do CFN em que tomam parte direta os presidentes de entidades unificadoras de âmbito estadual, outros temas doutrinários existem que, pela sua importância, precisam ser abordados, embora não aprofundadamente como o foi o tema anterior. Passemos-lo em revista.

A) Conceituação do termo «espírita».

Não havendo «Espirítismo» evidentemente não haverá «espírita», pois o «espírita» é o adepto do «Espirítismo». Ora, a expressão «Espirítismo» não existia antes de Allan Kardec, que a criou, como já vimos sobejamente e exaustivamente, para indicar «a doutrina fundada sobre a existência, as manifestações e os ensinamentos dos Espíritos», encontrando-se exposta de maneira completa em «O Livro dos Espíritos» para a sua parte filosófica, em «O Livro dos Médiuns» para a sua parte prática e experimental, e em «O Evangelho Segundo o Espiritismo» para a sua parte moral. É, pois, meridianamente evidente que o qualificativo de «espírita» deve abarcar todo esse conjunto harmonioso que define o «Espirítismo», e não apenas o conceito, por demais restrito, de «fenômeno mediúnico». Quando nos quisermos referir apenas ao «fenômeno mediúnico», deveremos usar a expressão «mediunismo» e não «Espirítismo».

Segundo o nosso entender, o engano de confundir «Espirítismo» com «fenômeno mediúnico» provém do fato de não se observar que, quando expressões de Kardec o dão a entender, são expressões relacionadas com apenas o aspecto experimental do Espiritismo, ou são conceitos provisórios emitidos na fase de elaboração da Doutrina, má interpretação essa que é desfeita pelo próprio Codificador no final de sua obra, explicando até as suas razões de ser.

2.º) Por isso mesmo, no estudo de qualquer doutrina, é sumamente perigoso tirarmos ilações baseadas nessa ou naquela afirmação isoladamente. Foi precisamente o que aconteceu com os companheiros componentes da comissão de doutrina do CFN. No vocabulário espírita, que Kardec inseriu no fim de «O Livro dos Médiuns», realmente se lê: «Espírita: O que tem relação com o Espiritismo»; adepto do Espiritismo, aquele que crê nas manifestações dos Espíritos. Um bom, um mau espírita; a doutrina espírita.» Entretanto, apesar de o Codificador ter generalizado a conceituação do termo «espírita», naquela altura da codificação, mais tarde, justamente quando estava completo o seu trabalho de Codificador, vemos ver que, em «Obras Póstumas», ele retira do termo «espírita» essa generalização por considerá-la perniciososa para a causa espírita. Ouçamo-lo: «Tomando a iniciativa da constituição do Espiritismo, usamos de um direito comum, o que todo homem tem de completar, como entender, a obra que haja começado a de ser juiz da oportunidade. Desde o instante em que cada um é livre de aderir ou não a essa obra, ninguém se pode queixar de sofrer uma pressão arbitrária. Criamos a palavra Espiritismo para atender às necessidades da causa; temos, pois, o direito de determinar as aplicações e de definir as qualidades e as crenças do verdadeiro espírita.» (Obras Póstumas. Kardec e a nova constituição). Vejamos, então, o que, nessa época, nos diz o insigne Codificador, acerca do significado do termo «espírita»: «A condição absoluta de vitalidade para toda reunião ou associação, qualquer que seja o seu objetivo, é a homogeneidade, isto é, a unidade de vistas, de princípios e de sentimentos, a tendência para um mesmo fim determinado, numa palavra: a comunhão de idéias. Todas as vezes que alguns homens se congregam em nome de uma idéia vaga, jamais chegam a entender-se, porque cada um apreende essa idéia de maneira diferente. Toda reunião formada de elementos heterogêneos traz em si os germens da sua dissolução..... «Assim foi sempre, até ao advento do Espiritismo. Formado gradativamente, como todas as ciências, em consequência de observações sucessivas, sua aceitação tem ganho, pouco a pouco, maior amplitude. O qualificativo de espírita aplicado sucessivamente a todos os graus de crença, comporta uma infinidade de matizes, desde o da simples crença nas manifestações, até as mais altas deduções morais e filosóficas..... Dizer-se alguém espírita, mesmo espírita convicto, não indica, pois, de modo algum, a medida da crença; essa palavra exprime muito, com relação a uns, e muito pouco, relativamente a outros. Uma assembléa para a qual se convocassem todos os que se dizem espíritas apresentaria um amálgama de opiniões divergentes, que não poderiam assimilar-se reciprocamente, e nada de sério chegaria a realizar, sem falar dos interessados a suscitarem no seu seio as discussões a que ela abrisse ensejo. Essa falta de precisão, inevitável no começo e durante o período de elaboração; há frequentemente causado equívocos lamentáveis, fazendo-se atribuir à Doutrina o que não passava de abuso ou transviamento. Pela falsa aplicação que se faz diariamente do qualificativo de espírita, é que a crítica, pouco inquirindo do fundo das coisas, e ainda menos do lado sério do Espiritismo, encontrou nele matéria para zombarias..... «Pode-se, pois, ser enganado pelas aparências, donde resulta que a qualificação de espírita, não comportando mais que uma aplicação falha, não constitui recomendação absoluta

e essa incerteza lança nos espíritas uma espécie de desconfiança, que impede se estabeleça entre os adeptos um laço sério de confraternização. Hoje, quando nenhuma dúvida mais se legitima sobre os pontos fundamentais da Doutrina, nem sobre os deveres que tocam a todos os adeptos sérios, a qualidade de espírita pode ter um caráter definido, de que antes carecia. «A crença no Espiritismo já não será simples aquiescência, muitas vezes parcial, a uma idéia vaga, porém, uma adesão motivada, feita com conhecimento de causa e comprovada por um título oficial, deferido ao aderente.» «Depois de tudo o que fica dito, facilmente se compreenderá quão impossível e prematuro fóra estabelecer essa constituição logo no princípio.»

Isso Kardec disse. Agora perguntamos nós: Com que conceito de Kardec ficamos nós hoje, com os primeiros ou com os últimos? É o próprio Codificador que, com essas últimas transcrições de «Obras Póstumas», nos está indicando o rumo certo a tomar, a fim de não prejudicarmos a própria causa. Caem assim por terra, umas tantas afirmações ou conceituações provisórias, estabelecidas no início do trabalho da Codificação, sendo, no momento oportuno, substituídas pelo próprio Codificador, por afirmações ou conceituações definitivas.

A vista do exposto, ainda uma vez a USE ficará com Kardec, exigindo, para a conceituação do termo «espírita» muito mais que a simples crença na existência e na comunicabilidade dos Espíritos. O espírita há de estar sempre ligado ao Espiritismo, que é doutrina científica, filosófica e moral. Nas considerações que acabamos de expender, estão incluídas as expressões usadas por Kardec em 1862, nos livros «O Espiritismo em sua mais simples expressão» e em «O que é o Espiritismo», e citadas pela comissão de doutrina do CFN a saber: «É a prova disso é que ele (o Espiritismo), conta entre os seus aderentes homens de todas as crenças, que, por esse fato, não renunciaram às suas convicções: católicos fervorosos que não deixam de praticar todos os deveres de seu culto, quando a Igreja os não repele; protestantes de todas as seitas, israelitas, muçulmanos e mesmo budistas e bramanistas.» Pode-se, portanto, ser católico, ortodoxo ou romano, protestante, judeu, muçulmano, e crer nas manifestações dos Espíritos, e ser, conseqüentemente, espírita. A prova é que o Espiritismo tem aderentes em todas as seitas.»

Além da explicação já apresentada, convém observar que Kardec, mesmo naquela época (1862), falava em católico espírita, protestante espírita, judeu espírita, e não em espírita católico, espírita protestante, espírita judeu. A adesão parcial ao Espiritismo traz mesmo, como é natural e ninguém pode evitar, essas nuances nos que se intitulam ou se dizem espíritas. É por isso mesmo que devemos tomar muito cuidado para, que ganhando em quantidade, não percamos em qualidade, constituindo-nos num amálgama de absoluta heterogeneidade, impossível de produzir algo de grande e de útil no setor genuinamente espírita, conforme afirmou Kardec em «Obras Póstumas», nos trechos há pouco transcritos. Daí o cuidado tomado pelo simpósio centro-sulino, e confirmado pelos outros três, realizados respectivamente, em Salvador, Belém e Goiânia no que se refere à conceituação doutrinária. Se não tomarmos a tempo os devidos cuidados, transformaremos completamente a conceituação do próprio Espiritismo, fazendo dele o que foi feito do Cristianismo de há dois mil anos. E é preciso

notar que o Espiritismo nos veio exatamente por causa da desintegração e adulteração do Cristianismo de Jesus, com a finalidade de revolver e reformar o mundo inteiro» restabelecendo «todas as coisas no seu verdadeiro sentido», segundo as felizes expressões do Espírito da Verdade a Kardec. Todo cuidado, pois, nesse sentido, nunca será demais.

B) Modalidades de espíritas

Esse é outro aspecto relacionado com o anterior. Sendo o Espiritismo uma doutrina muito ampla, interferindo em todos os campos dos conhecimentos humanos e apresentando aspecto científico, filosófico e moral, é natural que cada espírita apresente deficiências nesse ou naquele sentido, demonstrando maior afinidade e maior capacidade atuante para esse ou aquele aspecto da doutrina. Daí surge, e surgirá, uma nuance de «espíritas», tais como Espíritas experimentadores, espíritas imperfeitos, espíritas cristãos ou verdadeiros espíritas; haverá os que só conhecerão bem o aspecto científico, ou o filosófico ou o evangélico, moral ou religioso. É como ponderava Kardec: «Seria presumir demasiado da natureza humana, acreditar que ela pudesse transformar-se súbitamente pelas idéias espíritas. A ação dessas idéias não é certamente a mesma, nem do mesmo grau, em todos os que as professam.» (Introdução ao estudo da Doutrina espírita. VII)

Essa desigualdade natural na capacidade de cada adepto é que motivará uma graduação na série de espíritas. Trata-se de um problema inerente à natureza humana, e aparecerá em todos os setores dos conhecimentos e das atividades humanas. Observe-se bem que não é a conceituação doutrinária que os cria; é o fóro íntimo de cada um. O Espiritismo integral continuará a ser a meta e o ideal de cada espírita, que deverá se esforçar sempre no seu aperfeiçoamento doutrinário para se tornar um representante cada vez mais completo, idôneo, integral e útil da Doutrina. Essa evolução do espírita dentro do Espiritismo deverá constituir sempre um dos mais necessários e elevatados ideais das instituições espíritas; da atividade correta delas no sentido exato da Codificação dependerá, em grande parte, essa evolução do adepto. Cada núcleo espírita deverá primar pelo esforço ininterrupto de se tornar cada vez mais legítimo representante daquele Espiritismo que a Direção Planetária nos enviou pela falange luminosa do Espírito da Verdade através de Allan Kardec. Daí o cuidado especial que o movimento espírita brasileiro deverá tomar nesse assunto de conceituação doutrinária. Mister se faz levantar sempre o nível de tudo o que se relaciona com o nosso movimento, impedindo ou procurando impedir que as deficiências dos adeptos venha a mudar os princípios, as conceituações, os meios e as metas expostas na Codificação para a marcha, sempre ascendente, do movimento espírita, destinado, como sabemos, a «revolver e reformar o mundo inteiro.» Foi esse um dos mais importantes cuidados tomados pelos simpósios espíritas realizados no Brasil recentemente, por deliberação do CFN da Federação Espírita Brasileira.

Essa graduação natural na série dos adeptos do Espiritismo é uma coisa; outra coisa bem diferente seria haver uma nuance evidente de espíritas devido à conceituação doutrinária sugerida pela digna comissão de doutrina do CFN; se «fenômeno mediúnico, com ou sem doutrina, é Espiritismo» então teremos como espíritas todos os que aceitam o fenômeno, e, desta forma, não somente o umbandista será espírita, mas

também o feiticeiro, o que faz magia, branca ou negra, o macumbeiro, o quimbandista, todos, todos serão espíritas e lá se vai nessa diluição anti-doutrinária, toda aquela conceituação elevada que deve caracterizar o representante do Espiritismo. Quanto tudo isso é diferente do que indica Allan Kardec quando, em «Obras Póstumas» afirma que «com bom direito, pois, podemos considerar o Espiritismo como um dos mais fortes precursores da aristocracia do futuro, isto é, da aristocracia intelecto-moral.» Em «O que é o Espiritismo» Kardec pondera que «só a malevolência e uma rematada má fé puderam confundir o Espiritismo com a magia e a feiticaria, quando aquele repudia o fim, as práticas, as fórmulas e as palavras místicas destas»; logo mais adiante continua o grande Kardec: «Assim como a Astronomia destronou os astrólogos, o Espiritismo veio destronar os adivinhos, os feiticeiros e os que liam a buena-dicha. Ele é, para a magia, o que é a Astronomia para o Astrologia, a Química para a Alquimia». Já lá no fim da Codificação, em «A Gênese», continua Kardec no mesmo ponto de vista doutrinário, quando afirma «O mesmo acontece no espíritismo relativamente à magia e à feiticaria, que se apoiavam também sobre a manifestação dos Espíritos, como a astrologia sobre o movimento dos astros; mas, na ignorância das leis que regem o mundo espiritual, incluíam, nessas relações, práticas e crenças ridículas, às quais o espíritismo moderno, fruto da experiência e da observação, fez justiça. Certamente, a distância que separa o espíritismo da magia e da feiticaria, é maior que do que a existente entre a astronomia e a astrologia, a química e a alquimia; querer confundí-las, é provar que não se sabe disso a primeira palavra.» Diante de expressões tão claras e enfáticas do nosso querido e grande Codificador, parece-nos desnecessário qualquer comentário. Os simpósios estão com Kardec. A USE ficará com os simpósios exatamente porque eles estão com a Codificação, paradigma que o Alto nos enviou, a fim de que não nos desviassemos do roteiro certo, perdendo a meta, como, infelizmente, aconteceu com os cristãos depois do III século.

C) Antiguidade do Espiritismo

Os princípios primordiais do Espiritismo, tais como a concepção de Deus, do Espírito, da sobrevivência, imortalidade e comunicabilidade deste, a reencarnação, a evolução espiritual, a lei de sintonia interligando os Espíritos, a lei do trabalho, a da justiça, a do amor etc., etc., tudo já era do conhecimento da mais antiga humanidade; o que os Espíritos do Senhor fizeram, foi coordenar todos esses princípios em um compêndio único, «O Livro dos Espíritos» para que os mesmos princípios servissem de roteiro claro e seguro da humanidade, como um verdadeiro código de vida, como uma doutrina espiritualista e evolucionista a mostrar, de maneira simples e bem inteligível, o verdadeiro sentido da Vida, exaltando o fator Espírito, sem desprezar o estudo dos princípios que regem a vida material. Por isso diz Kardec que ele é tão antigo quanto a criação, pois todos os seus fundamentos estão dentro os princípios constitutivos da própria Natureza. Em «O que é o Espiritismo» diz o Codificador: «O Espiritismo, pois, não é uma criação moderna; tudo prova que os antigos o conheciam tão bem, ou talvez melhor que nós; somente ele não era ensinado senão com precauções misteriosas que o tornavam inacessível ao vulgo, abandonado, de propósito, no lamacaal da superstição.» E, em «O Espiritismo em sua mais simples

expressão» ele pondera: «A própria doutrina que os Espíritos ensinam hoje, não tem nada de novo, nós a encontramos, por fragmentos, na maior parte dos filósofos da Índia, do Egito, e da Grécia, e, todo inteiro, nos ensinamentos do Cristo.» É, pois, como afirmamos no início deste capítulo, isto é, foi tudo reunido, sinteticamente, em um só compêndio, para que servisse de código ou roteiro esclarecedor da Humanidade, a fim de que ela se nortearse corretamente na Vida. No entanto, porque Kardec afirmasse que o Espiritismo é tão antigo quanto a criação e que ele surge, aqui e ali, em todas as épocas, já querem alguns confrades generalizar os termos «Espiritismo» e «espírita», como se o Espiritismo, sintetizado em «O Livro dos Espíritos» tivesse existido de todos os tempos. Na realidade a síntese trazida no Espiritismo é original em seu conjunto harmonioso, na maneira de encerrar os problemas que aborda, na conceituação dos assuntos, na seqüência lógica das idéias e dos ideais que desenvolve nos que a estudam e por tais temas se interessam realmente, bem como na originalidade do método de exposição e na clareza didática da mesma. Na realidade, o termo «Espiritismo» só apareceu depois da publicação de «O Livro dos Espíritos.» Daí por diante também é que se passou a usar o termo «espírita», decorrente de «Espiritismo». Hoje em dia se usa e abusa tanto de uma palavra como da outra, muitas vezes com nenhum, ou com diminuto conhecimento do que elas significam. Dessa generalização, indevida surge a confusão de mediunismo com Espiritismo, de animismo com Espiritismo, de magia, umbanda, quimbanda, feiticaria etc. etc., com o Espiritismo. Felizmente, para diminuir tanta confusão e tanto sincretismo encontramos em «O que é o Espiritismo» esta frase, esta afirmação de Kardec: «O Espiritismo é uma ciência que acaba de nascer e da qual resta ainda muito a aprender.» Levando em consideração tudo o que já foi exaustivamente exposto neste trabalho, procuremos não desvirtuar o significado altamente espiritualizado e doutrinário do Espiritismo. Procuremos elevar-nos à altura em que foi ele posto pelos Espíritos do Senhor, em vez de o abaixarmos para o nível da nossa inferioridade espiritual. Difundamo-lo, pois, na pureza e na finalidade com que nos foi oferecido como dádiva divina. Saibamos, humilde e energeticamente, manter a pureza doutrinária com que o Espiritismo nos foi legado. Esforcemo-nos para transmiti-lo íntegro para a posteridade, a fim de que os homens de amanhã não encontrem motivos para dizerem que nós fizemos do Espiritismo o que os homens de ontem fizeram do Cristianismo. Que não aconteça com «Terceira Revelação» o que já aconteceu com a segunda.

D) Expressões de Emmanuel

A comissão de doutrina do CFN citou, em defesa de sua tese, e o fez com muita inteligência, a seguinte e respeitável mensagem de Emmanuel: «Simbolizemos o Espiritismo como sendo um Estado. Ora, o Estado é constituído de diversas Províncias ou de diversos Distritos. Encontramos em Umbanda uma Província do Espiritismo, necessitada de carinho e de proteção da força governamental e orientadora. Se nós, a pretexto de sermos puros, a pretexto de sermos mais bem orientados que os outros, desamparmos os irmãos que necessitam da nossa boa vontade, naturalmente que o nosso serviço estará pecando pela base. Assim, não vemos motivo para nos escandalizarmos com as linhas de Umbanda, e sim um impe-

rativo do trabalho, de cooperação, de maior entendimento e de maior manifestação de amor da nossa parte. Estamos de pleno acôrdo com Emmanuel. O Espiritismo é de quem o quiser e veio para todos; por isso mesmo nós, os espíritas deveremos permanecer de braços abertos para todos os que tiverem necessidade das luzes da Doutrina, da nossa boa vontade e do nosso espírito de renúncia. Não nos escandalizamos com as Linhas de Umbanda; Umbanda é Umbanda e Espiritismo é Espiritismo. Devemos, como desejamos que suceda conosco, respeitar as crenças e convicções alheias. A Umbanda representa um importante degrau da escada da evolução, pois se nos apresenta como uma ponte ligando o Catolicismo ao Espiritismo, num sincretismo religioso que começou no africanismo primitivo para um dia, terminar no Espiritismo. O que não desejamos que aconteça é que o movimento espírita se umbandize, e isso principalmente porque o Espiritismo veio depois e veio para espiritualizar tudo e todos. Por isso mesmo há uma diferença flagrante entre Umbanda e Espiritismo, quer na prática mediúmica, quer na manifestação do culto, quer na maneira de encarar os problemas a cada um deles atinentes, quer na finalidade, imediata e remota, dos próprios movimentos umbandistas e espírita. Há, no nosso planeta, muitas religiões e muitas filosofias espiritualistas, o novo é livre na sua escolha e cada adeto de um sefer deverá sempre zelar pela pureza de seu movimento religioso, respeitando os demais. Cada qual deverá sempre permanecer de braços abertos para os seus semelhantes, com o intuito de servir sempre, cada vez mais e melhor. Ainda aqui, graças a Deus, estamos com Kardec que, nas páginas finais de «Obras Póstumas» nos ensina a tolerância esclarecida nesses termos: «Não desdenhem as crenças do passado, por imperfeitas que sejam, quando conduzem ao bem; elas estavam em correspondência com o grau de adiantamento da Humanidade. Mas, tendo progredido, a Humanidade reclama crenças em harmonia com as novas idéias. Se os elementos da fé permanecem estacionários e ficam distanciados pelo espírito, perdem toda influência, e o bem que hajam produzido em certo tempo não pode prosseguir porque aqueles elementos já não se acham à altura das circunstâncias.»

Daí, pois, podemos nós concluir que, tendo o Espiritismo vindo por determinação superior, à revelia do homem encarnado, é porque a Direção Planetária julgou que era chegado o momento de a Humanidade subir mais um degrau da escada da evolução espiritual, superando todos os outros movimentos espiritualistas então existentes: o movimento espírita veio para bem de todos esses outros movimentos já existentes e, por isso mesmo, deverão os seus adeptos verdadeiros, permanecer de coração aberto para todos eles, sem com eles se confundirem. Também o catolicismo, o protestantismo, o judaísmo etc., etc., estão necessitando das luzes trazidas pelo Espiritismo, e não somente a Umbanda, até o materialismo está precisando, mais que ninguém, do Espiritismo. Nós, os espíritas convictos e mais responsáveis pela direção do movimento, não devemos permanecer indiferentes, e muito menos ainda intolerantes, para com nenhum «próximo» que encontrarmos em nossa estrada, sabendo, porém, respeitar o direito que ele tem de não querer receber o que tivemos para lhes oferecer, bem como o direito de pensar de modo diferente de nós. Respeitemos-lhes as crenças e os ideais. É como pondera Kardec: «Coerente com seus princípios, o Espiritismo não se impõe a

quem quer que seja; quer ser aceito livremente e por efeito de convicção. Expõe suas doutrinas e acolhe os que voluntariamente o procuram. Não cuida de afastar pessoa alguma de suas convicções religiosas; não se dirige aos que possuem uma fé e a quem essa fé basta; dirige-se aos que, insatisfeitos com o que se lhes dá, pedem alguma coisa melhor.» É assim que o umbandista, quando superar o que a Umbanda lhe pode dar, certamente irá bater às portas do Espiritismo, que satisfará seus anseios de aprimoramento espiritual, pois as duas doutrinas apresentam-se em graus evolutivos diferentes. Não há, e nem deverá haver jamais, animosidade de nossa parte contra a Umbanda ou contra qualquer outra modalidade de convicção religiosa. Embora permanecendo de braços abertos para todas, tomamos as devidas cautelas para que, em sincretismos com essa ou com aquela, não venhamos a desfigurar o que o Alto enviou ao Mundo no momento preciso e propício. E nisso tudo não valha algum de orgulho ou de vaidade, pois nem mesmo nós, espíritas convictos e conscientes, somos capazes de apresentar aquele padrão elevado do espírita verdadeiro condicionado por Kardec ao afirmar que «o espírita verdadeiro é o espírita cristão».

E) Uma observação especial

Queremos aditar, finalmente, mais um motivo, além dos muitos já aqui expostos, para justificar a não aceitação, por parte da USE, de São Paulo, da sugestão apresentada pela comissão de doutrina do CFN, divorciando, em sua conceituação doutrinária íntima, os termos «Espiritismo» e «Doutrina Espírita», indicando «Espiritismo» apenas o fenômeno mediúnico ou a sua aceitação, e «Doutrina Espírita» a doutrina que surgiu através da mediunidade, como Terceira Revelação. O motivo a que nos queremos referir é este: Se permanecesse o ponto de vista da referida comissão, diante de alguém que se dissesse «espírita», teríamos de lhe perguntar se ele era «espírita» de «Espiritismo» ou «espírita» de «Doutrina Espírita», o que julgamos verdadeiramente esdrúxulo e muito a arreio de Allan Kardec e, portanto, anti-doutrinário.

F) Considerações finais

A vista de tudo o que fica aqui exposto, e considerando:

1.º) Que, para julgar sobre qualquer questão doutrinária, é preciso basear-se no conjunto todo da Codificação e não apenas nessa ou naquela frase ou expressão;

2.º) Que o Espiritismo não foi elaborado de uma só assentada, mas paulatina e progressivamente, conforme estava programado pela Direção espiritual da Terceira Revelação;

3.º) Que Allan Kardec tinha autoridade impar no sentido de julgamento do momento oportuno para fixar, definitivamente, ou para substituir ou aprimorar os vários conceitos acerca do Espiritismo em si, e dos qualificativos que devem caracterizar os seus adeptos;

4.º) Que, no final de sua tarefa, quando já estava terminada a elaboração de sua obra, ele sentiu e mostrou a necessidade de uma positividade rigorosa na conceituação do termo «espírita», diluído ao extremo pela heterogeneidade dos graus de conhecimento e convicções dos espíritas, no sentido de que não houvesse adesões apenas parciais caracterizando o adepto;

5.º) Que a generalização extrema do termo «espírita», provocando acentuada diluição no seu sentido doutrinário, iria provocar a heterogeneidade e a ineficiência do traba-

lho de conjunto dos espíritas, na sua tarefa de edificação doutrinária pelo Mundo;

6.º) Que Kardec revelou, bem claro, ter o Espiritismo três aspectos: o filosófico, exposto em «O Livro dos Espíritos»; o prático ou experimental, exposto em «O Livro dos Médiuns»; e o moral, exposto em «O Evangelho Segundo o Espiritismo»;

7.º) Que a impressão de que o termo «Espiritismo» significa apenas crença na existência e na comunicabilidade dos Espíritos, decorre de conceituações provisórias do Codificador ou de expressões em que ele se referia apenas ao aspecto experimental da Doutrina, má interpretação esta desfeita pelo próprio Kardec no final de sua obra;

8.º) Que Kardec nunca separou o termo «Espiritismo» do termo «Doutrina Espírita», considerando-se como sinônimos;

9.º) Que a separação, no seu significado doutrinário, dos termos «Espiritismo» e «Doutrina Espírita» é anti-doutrinária e acarreta uma série imensa de grandes inconvenientes;

10.º) Que não se deve confundir «Espiritismo» com «mediunismo»;

11.º) Que o termo «espírita» decorre do termo «Espiritismo» e que, restringindo-se o significado do segundo apenas à aceitação da existência e da comunicabilidade dos Espíritos, leva-se o significado do primeiro a uma diluição tal que lhe tira as características de adepto da Doutrina Espírita, o que é um paradoxo e uma verdadeira heresia doutrinária, dado que os termos «Espiritismo» e «Doutrina Espírita» são sinônimos para Kardec;

12.º) Que, no dizer do Codificador, «espírita» é aquele que aceita os postulados da Doutrina e procura coadunar a sua vida com eles;

13.º) Que, se considerarmos «espírita» apenas o que aceita a existência e a comunicabilidade dos Espíritos, teremos que admitir como tais, os que praticam, não somente a Umbanda, mas também a feitiçaria, a magia branca e negra, a macumba etc., etc., confusão essa desastrosamente prejudicial e desmoralizante para a conceituação social e doutrinária do «espírita», absurdo esse expressamente referido por Kardec;

14.º) Que, se «espírita» decorre de «Espiritismo», e se pudesse haver «espíritas que aceitam o Espiritismo sem aceitarem, paradoxalmente, a Doutrina Espírita, diante de um que se dissesse «espírita», teríamos, para aquilatar-mos do que ele realmente pensa e no que é que tem convicção firmada, teríamos que perguntar-lhe se ele era espírita de Espiritismo ou de «Doutrina Espírita»;

15.º) Que, no Brasil, quando se fala em Espiritismo se quer, correta ou incorretamente, referir-se à obra de Allan Kardec, e daí o perigo imenso de se aceitar o ponto de vista da FEB e da Comissão de doutrina do CFN, pois então macumba, magia, feitiçaria passariam a ser sinônimos de Espiritismo, abalando o prestígio deste até mesmo diante da lei, além de ser uma afirmativa ou conclusão absolutamente anti-doutrinária;

16.º) Que, ao contrário do que está no item anterior, o dever das instituições espíritas é aprimorarem cada vez mais os espíritas, representantes sociais do Espiritismo, para que a expressão «espírita» goze de uma justa e elevada conceituação social, apoiada no prelo doutrinário e na vivência cristã dos «espíritas»;

17.º) Que, se não tomarmos rigorosas cautelas, acabaremos fazendo do Espiritismo o que foi feito do Cristianismo primitivo, que até o nome perdeu;

18.º) Que jamais nos deveremos preocupar com a quantidade dos adeptos do Espiritismo, desde que o aumento do número acarrete a diluição da capacidade e da qualidade doutrinárias dos mesmos;

19.º) Que deveremos permanecer de braços abertos para todas as organizações ou movimentos sociais, científicos, filosóficos ou religiosos, oferecendo ao mundo as luzes que o Espiritismo traz, como talento a ser proliferado nos meios que dela estejam necessitando, sem, contudo nos descuidarmos do perigo de sincretismos e deformações doutrinárias, o que traria a perda da eficiência doutrinária, e acarretariam futuramente, a adulteração do Espiritismo, exatamente como aconteceu, por falta de vigilância e por adaptações com vistas ao domínio social, com o Cristianismo do Cristo;

20.º) Se é dever dos espíritas difundir a Doutrina, não deixa de constituir também dever nosso o respeito às convicções alheias, não nos cabendo o direito de nos metermos em suas respectivas searas para lhes corrigir os erros e lhes ensinar aquilo que julgamos, segundo o Espiritismo, seja o certo;

21.º) Que cabe ao Brasil um papel proeminente na difusão mundial, mais de amanhã que de hoje, do Espiritismo, e que, portanto, mais que qualquer outra nação, deve o Brasil espírita tomar o máximo cuidado para que os pósteros recebam de nossas mãos o Espiritismo na mesma pureza doutrinária com que o recebemos do Alto, na Codificação Kardequiana;

22.º) Que, em assuntos doutrinários, ninguém se constituiu em autoridade desde que esteja pensando ou agindo fora do que está posto no conjunto da Codificação, que há de ser sempre, em suas linhas mestras, a pedra angular da edificação espírita no mundo.

D) Em nome da União da Sociedade Espíritas do Estado de São Paulo (USE), propomos a este egrégio Conselho, funcionando, neste momento, como um quinto simpósio, as seguintes proposições:

1) Não aceitar as sugestões apresentadas pela digna comissão de Doutrina do CFN e assim expressas:

a) «Fenômeno mediúnico, com ou sem Doutrina, É ESPIRITISMO.»

b) «Doutrinariamente, toda prática mediúmica É ESPIRITA.»

c) «Da mesma maneira, todo fenômeno mediúnico, ainda que sem Doutrina Espírita, É ESPIRITISMO.»

d) «Umbanda é Espiritismo, mas não é Doutrina Espírita.»

e) «Todo umbandista é «espírita.»

f) «Não mais podemos pretender o uso exclusivo das palavras «Espírita» e «Espiritismo», embora tenham sido criadas por Allan Kardec.»

2) Ratificar os pontos de vista expostos nos vários simpósios em relação às questões contraditadas pela comissão de Doutrina do CFN, pontos de vista ou sugestões assim expostos:

a) «Ponderar e fazer compreender que fenômeno mediúnico, sem Doutrina, não é Espiritismo.»

b) «Que há necessidade de tornar bem patente que nem todo trabalho mediúnico é trabalho espírita.»

c) «Fazer compreender, ao meio espírita brasileiro, que o fenômeno mediúnico, sem Doutrina Espírita, não é Espiritismo.»

3) Nas questões ora em discussão, aprovar as ilações decorrentes das sugestões apresentadas nos simpósios, a saber:

a) Umbanda não é Espiritismo.

b) O umbandista não é espírita.

(Concluída na pág. 7)

“Acerca de Dons Espirituais”

APOLO OLIVA FILHO



1. «A respeito dos dons espirituais, não quero, irmãos, que sejais ignorantes. 2. Sabeis que, outrora, quando éreis gentios, deixáveis conduzir-vos aos ídolos mudos, conforme éreis guiados. 3. Por isso vos faço compreender que ninguém que fala pelo Espírito de Deus afirma:

anátema de Jesus! Por outro lado, ninguém pode dizer: Senhor Jesus! Senão pelo Espírito Santo. 4. Ora, os dons são diversos, mas o Espírito é o mesmo. 5. E também há diversidade nos serviços, mas o Senhor é o mesmo. 6. E há diversidade nas realizações, mas o mesmo Deus é quem opera tudo em todos. 7. A manifestação do Espírito é concedida a cada um, visando um fim proveitoso. 8. Porque a um é dada, mediante o Espírito, a palavra da sabedoria; e a outro, segundo o mesmo Espírito, a palavra do conhecimento; 9. A outro, no mesmo Espírito, fé; e a outro, no mesmo Espírito, dons de curar; 10. A outro, operações de milagres; a outro, profecia; a outro, discernimento de espíritos; a um, variedade de línguas; e a outro, capacidade para interpretá-las. 11. Mas um só é o mesmo Espírito realiza todas estas coisas, distribuindo-as, como lhe apraz, a cada um, individualmente.»

(Paulo, I Coríntios, 12)

Há quem diga: se eu tivesse o dom da palavra, como seria feliz! Sairia por toda parte a pregar o Evangelho em Espírito e Verdade. No entanto, a tribuna espírita ressentir-se de colaboradores. Em inúmeras cidades do interior e bairros da Capital realizam-se semanas espíritas, concentrações e confraternizações espíritas, reuniões de divulgação doutrinária, etc.; contudo, os oradores são quase sempre os mesmos.

Há quem diga: se eu fosse médium, como me sentiria útil ao meu semelhante! Buscaria ávido a presença do irmão sofredor para que os espíritos, por meu intermédio, lhe propiciassem um lenitivo, um bálsamo, um consolo! Que maravilha, poderia curar os enfermos do corpo e do espírito, confortando, orientando. Centros Espíritas existem em todo lugar, fundados, um após outro. Em todos, porém, os médiuns são quase sempre os mesmos.

Há quem diga: bom mesmo, visando a realização interior, é a assistência social espírita. Quem me dera dedicar integralmente ao edificante serviço de assistência ao próximo! Procuraria as favelas populosas, os casebres paupérrimos e as mansardas infectas, auxiliando crianças e velhos infelizes! Nunca houve tantas instituições de beneficência como atualmente mantidas por instituições espíritas: albergues, educandários, abrigos de velhos, lares de mães solteiras, sanatórios, etc. Nelas, o problema comum, além do financeiro, é a falta de colaboradores. As pessoas que nelas porfiam são quase sempre as mesmas.

Há quem diga: se eu fosse presidente ou secretário do Centro Espírita, não fugiria ao cumprimento do meu dever. Sentir-me-ia realizado se pudesse me vincular a um dos setores administrativos das entidades espíritas. Todavia, mau grado os apêlos de toda espécie, reclamando o concurso de colaboradores, há, nas diretorias das entidades espíritas, vagas por preencher. Quando não há, o que se verifica é u'a mesma pessoa ocupando cargos em três, quatro, cinco ou mais instituições!

Cada um tem o seu préstimo, as suas habilidades, o seu valor!

Fizesse cada um a sua parte segundo o dom que lhe é próprio, não haveria sobrecarga para ninguém. Ninguém seria salientado ou evidenciado; ninguém seria depreciado ou esquecido.

Impõe-se, porém, espírito de serviço, dedicação, renúncia! Importa trabalhar! A seara é vasta e os seareiros são poucos. Mais ação e menos contemplação.

FALE, o que tenha o dom da palavra.

ESCREVA, o que tenha o dom da sabedoria.

ENSINE, o que tenha o dom do conhecimento.

TESTEMUNHE, o que tenha fé.

CURE, o que tenha o dom de curar.

PROFETIZE, o que tenha o dom de profecia.

ESCLAREÇA, o que tenha o dom de discernir espíritos!

Conselho Regional Espírita da 8.ª Região

O C.R.E. da 8.ª Região e a U.M.E. de Bauri, fizeram realizar no dia 3 de outubro, na sede do Centro Espírita «Amor e Caridade», uma sessão comemorativa do transcurso do 162.º aniversário da encarnação de Allan Kardec.

A palestra esteve a cargo do confrade Dr. Altivo Ferreira, da cidade de Santos.

Concentração dos Presidentes das Entidades Federativas de Âmbito Estadual

(Conclusão da 6.a pág.)

c) Não separar, jamais, as expressões «Espiritismo» e «Doutrina Espírita».

d) Pugnar ininterruptamente, para a sublimação progressiva das qualidades intelecto-morais que devem qualificar o termo «espírita».

Pedindo desculpas pela extensão de nossa exposição; agradecendo a paciência e a atenção que nos dispensaram, certos de que continuaremos sempre fraternal e idealisticamente unidos em torno deste Conselho Federativo Nacional da Federação Espírita Brasileira, lutando, ombro a ombro, pela evolução harmônica do movimento espírita brasileiro, visando sempre à unificação com Jesus e com Kardec, fraternal e cordialmente, subscrevemos este trabalho em nome da USE.

União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo

XVIII Concentração de Mocidades Espíritas do Vale do Paraíba

Realizou-se no dia 18 de setembro, na cidade de Cachoeira Paulista, sob o patrocínio dos C.R.Es. da 4.ª e 17.ª Regiões da USE, a XVIII Concentração de Mocidades Espíritas do Vale do Paraíba.

Do programa destacamos: às 10,30 horas — Conferência no Cine Independência e apresentação da Banda Musical «Paulo de Tarso», da Guanabara; às 13,30 horas — Painel sobre Unificação — Dinâmica de Grupo e Torneio Evangélico-Doutrinário, na sede do Abrigo «Antônio de Pádua».

A palestra esteve a cargo do prof. Newton Gonçalves de Barros.

II Festival Espírita Confraternativo

Realizou-se no dia 23 de outubro, o II Festival Espírita Confraternativo na cidade de Mairinque.

O importante certame foi organizado pelas Mocidades Espíritas «A Caminho de Jesus», de Mairinque e «Baturá», de São Roque, sob os auspícios das U.M.Es. daquelas cidades.

O C. D. foi formado por Mizael Garbim, Rosemary Bergolan Ferraz, Carlos Pedroso, Neusa Pedroso e Claudinei Garbim.

Do programa destacamos: Coral Espírita, palestra do jovem Lindolfo Fernandes Neto, presidente da C.E. do Departamento de Mocidade da U.S.E.; exibição de dois filmes fixos pela Cooperaves, tertúlia, encerramento e lanche.

AINDA A ASSEMBLÉIA GERAL ORDINÁRIA DA USE

REPRESENTANTE DA FEB — Armando de Oliveira Assis, Vice-Presidente da FEB.

REPRESENTANTE DA DIRETORIA DA FEB — Joaquim da Costa Villaga, 2.º Secretário da FEB.



REPRESENTANTES DO CONSELHO FEDERATIVO NACIONAL — José Augusto de Miranda Ludolf (que representa no CFN o Estado do Paraná) e Arévalo Genofre Werneck.

REPRESENTANTES DA LIGA ESPÍRITA DO ESTADO DA GUANABARA — José Augusto de Miranda Ludolf e Elmo Queiroz.

A Diretoria da USE não tem palavras com que possa externar, ao público, o seu justo desvanecimento e imensa alegria pela presença desses abnegados companheiros de ideal, denodados trabalhadores do movimento de unificação dos espíritas em outras plagas.

Na foto, parte da mesa diretora da reunião confraternativa realizada no dia 9 de julho p. passado, à noite, no salão da FEESP, sob a presidência do sr. Armando de Oliveira Assis, representante da FEB, vendo-se ainda o sr. Américo Montagnini (Presidente da FEESP), dr. Luís Monteiro de Barros (Vice-Presidente da USE) que dissertou sobre o tema «A Unificação dos Espíritas», Dr. Eurípedes de Castro, procurador da USE e Ignácio Giovini, presidente do C.M.E.

Mediunidade e Mediunismo

PAULO ALVES DE GODOY

«Chegou da Judéia um profeta, por nome Agabo. E vindo ter conosco, tomou a cinta de Paulo, e ligando-se os seus próprios pés e mãos, disse: Isto diz o Espírito Santo:

assim ligarão os judeus em Jerusalém o varão de quem é esta cinta, e o entregarão nas mãos dos gentios.»

(Atos, 21:10-11)



Paulo de Tarso estava hospedado em Cesaréia, na casa de Filipe, um ancião que tinha quatro filhas que se comunicavam com os espíritos (Atos, 21:8-9), quando ali chegou Agabo que, tomando da cinta do apóstolo e fazendo uso da sua mediunidade de premonição, vaticinou que «o varão de quem era aquela cinta seria preso e entregue aos gentios.»

Em face de tão drástica revelação, os companheiros de Paulo insistiram com ele para que não subisse a Jerusalém, entretanto, a resposta foi que nem a prisão nem a morte evitariam que ele prosseguisse no desempenho da tarefa de difundir os ensinamentos do Senhor.

Os Evangelhos e os Atos dos Apóstolos estão entrecortados de provas dessa natureza, constituindo-se nas corroborações mais peremptórias de que os primitivos cristãos se regiam pela orientação dos Espíritos, os quais tinham acentuada influência nas deliberações e nos atos daqueles que estavam incumbidos de não deixar apagar o facho de luz acesso pelo Meigo Rabi da Galiléia.

Debalde as teologias se apegam ao vão argumento de que os mortos não se comunicam com os vivos. Os Evangelhos aí estão como atestado eloquente de que os espíritos desencarnados sempre tomaram e tomam parte em todos os atos das criaturas humanas, em qualquer terreno e em qualquer época. Tanto no Velho como no Novo Testamentos os fatos dessa natureza se reproduzem numa sucessão interminável, corroborando aquilo que o Espiritismo proclama: o mundo corpóreo e os planos invisíveis se solidarizam e mantêm entre si o mais estreito intercâmbio.

Paulo de Tarso fazia nítida distinção entre a prática sublime da Mediunidade bem orientada e o mediunismo descontrolado. Em sua I Epístola aos Coríntios (I Cor. 12:7-11), chegou a estabelecer uma verdadeira codificação para a prática da Mediunidade, como elo de ligação entre o Céu e a Terra: «a manifestação do Espírito é dada a cada um para o que for útil, a um pelo Espírito é dada a palavra da sabedoria, e a outro a palavra da ciência, a outro a fé, os dons de curar, de operar maravilhas, de discernir os espíritos, de variedades e de interpretação de línguas.» No Capítulo XIV da mesma Epístola (I Cor. 14:26-38) o Converso de Damasco chega a preceituar uma espécie de regimento interno para as igrejas, estabelecendo a ordem e preconizando o sistema que deveria imperar para a produção das manifestações espirituais.

Entretanto, o Apóstolo dos Gentios combatia o mediunismo desenfreado e sem objetivo sério. Podemos mesmo mencionar algumas interferências de Paulo objetivando coibir abusos de médiuns controvérsos e mercantilizadores. Em Atos, 16:16-9, vemos Paulo fazer com que uma moça perdesse a sua mediunidade de premonição, por estar mercantilizando com aquele dom espiritual, propiciando assim largos proventos aos seus patrões; apesar de ter o espírito que a acompanhava apregoador, em alta voz, que Paulo era servo de Deus e anunciador do caminho da salvação, o apóstolo vendo ali o fruto de um mediunismo interesseiro e sem maiores benefícios, não trepidou em ordenar ao espírito: «Em nome de Jesus Cristo, te mando que saias dela», no que foi prontamente obedecido.

Em Atos, 19:14-16, deparamos com a narrativa de que os sete filhos de Ceva, que praticavam o mediunismo, ao tentarem expulsar espíritos malignos em nome de Paulo e de Jesus, tiveram que fugir espavoridos e dois deles foram feridos pela fúria dos espíritos obsessores.

Um certo judeu chamado Elimas, falso médium (Atos, 13:6-11), ao tentar oferecer obstáculo à pregação de Paulo, mereceu do apóstolo a mais veemente repulsa, ficando temporariamente cego como prova inequívoca de estar enveredando por caminhos dúbios.

O capítulo 8, versículos 9-24, dos Atos dos Apóstolos, também nos dá conta do incidente havido entre o apóstolo Pedro

SR. AGENTE: Queira devolver este jornal à Caixa 3.946 — São Paulo, não sendo encontrado o destinatário.

PORTE PAGO

I Concentração dos Presidentes das Entidades Federativas de Âmbito Estadual (Reunião do C. F. N. em 1.º de outubro de 1966)

Consultado a respeito dos movimentos existentes no país e no estrangeiro, que praticam o chamado mediunismo, o Conselho Federativo Nacional reconheceu «que todos esses movimentos têm alguma coisa com o Espiritismo, embora ainda presos a concepções e cerimônias não recomendadas por Allan Kardec.»

DEUS!

Do vasto firmamento inatingível
Ao fundo do oceano insondável,
Do mais alto vulcão inacessível;
Ao límpido raiair da aurora amável.

No lar onde a pobreza quase incrível
Encontra a paz, descanso inexorável,
Naquele onde a riqueza indiscutível
Se ufana, desdenhando, miserável!

No céu em que o poder é invisível,
Na Terra que é ingente embora afável,
No mar de uma grandeza impreterível,

Existe uma entidade inigualável,
Que foi, é e será impreterível,
O Deus de um poder incomparável.

Amadeu Saramago

UNIFICAÇÃO

Órgão da União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo — USE
Redação: R. Maranhão, 404 - C. Postal 3.946
Telefone 52-6273 — São Paulo - 3

ASSINATURA ANUAL

Brasil Cr\$ 1.600
Exterior Cr\$ 2.000
Número avulso Cr\$ 100

NOTICIÁRIO — Todos os órgãos da U. e entidades adesas devem enviar noticiário de suas atividades de maneira sempre resumida, bem informativa, sem comentários.

COLABORAÇÃO — Todos os confrades podem colaborar. Os trabalhos devem ser datilografados em dois espaços, numa só face do papel e não ultrapassar duas folhas do tamanho de ofício.

Composto e Impresso na Gráfica Editora Linotype — Rua Mem de Sá, 172 - Tel.: 32-4348 - S. Paulo

e Simão, o Mago, um falso médium que pensou poder comprar com dinheiro os dons espirituais. O velho apóstolo foi decisivo: «o teu dinheiro seja contigo para perdição, pois cuidaste que o dom de Deus se alcança por dinheiro». É evidente que Simão, o Mago — pioneiro e inspirador da Simonia (o nome Simonia vem desta tentativa de Simão em pretender adquirir dons espirituais a péso de ouro), estava perfeitamente familiarizado com um mediunismo desorientado e sem qualquer definição, ao ponto de julgar que o dinheiro resolvia todos os problemas, inclusive aqueles que envolvessem coisas de fundo divino.

A Mediunidade é um dos postulados fundamentais da Doutrina Espírita, entretanto, os espíritas são prevenidos de que nem toda a prática mediúnica é Espiritismo, pois, como movimento renovador das consciências, através da assimilação do conhecimento dos problemas relacionados com a imortalidade e evolução incessante da alma, não é possível que viesse a consagrar certas práticas mediúnicas evadidas de ritualismo, de encenações e inteiramente heterogêneas, como oriundas de uma Doutrina que representa o cumprimento da promessa de Jesus Cristo em torno do advento do Consolador, do Espírito da Verdade ou Paraclito.

Moisés, o grande legislador hebreu, praticava, admitia e suspirava pela Mediunidade de cunho elevado. O libertador dos judeus comunicava-se regularmente com os Espíritos, e, apesar da proibição que houve por bem lançar, coibindo o exercício do mediunismo desregado, como era praticado pelo povo, vemos em Números, 11:26-29 (o 4.º livro do Velho Testamento), que ao ser-lhe submetida a denúncia de que Eldad e Medad estavam recebendo a manifestação de espíritos, replicou a Josué, que lhe solicitara drásticas providências: «Quem dera que todo o povo profetizasse e que o Senhor lhe desse o seu Espírito».

Vemos aí, de modo patente, que Moisés consagrava a Mediunidade edificante e a proibição que havia lançado recaía tão somente sobre o mediunismo que era praticado desordenadamente e sem objetivo sério pelo povo, com o escopo exclusivo de satisfazer o atendimento de coisas pertinentes aos interesses do mundo. Moisés sabia que Eldad e Medad não eram mercenários nem mistificadores, que não procuravam comunicação com o mundo invisível, mas eram procurados por um espírito para fins nobres e sadios.